



Imagem: Kunsthistorisches Museum - Fra Bartolomeo (1472-1517) / gallery.org

Mãe de Deus,^{Maria,} da Igreja e nossa: um caminho seguro até Cristo

**MEMÓRIA INSTITUÍDA PELO PAPA FRANCISCO
EM 2018 CONVIDA OS FIÉIS A REDESCOBRIREM A
PRESENÇA MATERNA DE MARIA NO CORAÇÃO DA
IGREJA E NA VIDA COTIDIANA DA FÉ**

◆ Renata Moraes ◆

A liturgia da Igreja é um organismo vivo que respira a tradição e se renova no sopro do Espírito Santo. Na primeira segunda-feira após Pentecostes, a Igreja celebra a memória da Virgem Maria como Mãe da Igreja. O título, oficialmente inserido no calendário litúrgico em 2018, expressa uma verdade antiga, vivida desde os primórdios do cristianismo e profundamente enraizada na tradição.

A instituição dessa memória foi formalizada pelo Papa Francisco, por meio do Decreto *Ecclesia Mater*, publicado em 3 de março daquele ano, determinando sua inclusão no calendário romano geral. Mais do que acrescentar uma celebração, o gesto propõe uma compreensão mais profunda da presença de Maria na vida e na missão da Igreja.

Em entrevista para a *Revista Ave Maria*, o teólogo Julio Caprani, especialista em Mariologia Latino-americana, destacou que a decisão não se limita a um ato devocional, mas se trata de uma afirmação teológica consistente, que situa Maria no coração da comunidade como mãe que acompanha, cuida e forma os discípulos: “Não se trata simplesmente de adicionar uma celebração, mas de oferecer uma chave interpretativa: viver a fé como filhos em uma comunidade que, à maneira de Maria, acolhe, protege, escuta e se coloca a serviço”, explica.

Sobre a importância dessa decisão, Caprani afirma que instituir essa memória ajuda a

redescobrir Maria como modelo de discípulo missionário: uma mulher que escuta, discerne e age na história. “Podemos sem dúvida destacar o seu papel como figura próxima dos processos humanos: mulher do povo, atravessada por incertezas e esperanças. Certamente, essa memória litúrgica reforça uma imagem de Igreja mais materna, acolhedora e solidária”, destaca o teólogo.

A MATERNIDADE DE MARIA E O ROSTO MATERNO DA IGREJA

A maternidade de Maria ilumina, desde o início, a compreensão da própria Igreja. Como recordava Papa Francisco, “Todas as palavras de Nossa Senhora são palavras de mãe”: da anunciação até o Calvário, sua presença é marcada por um cuidado constante e fiel. Essa afirmação foi feita na Casa Santa Marta durante a primeira Missa celebrada em memória da Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe da Igreja, em 21 de maio de 2018. Na ocasião, o Pontífice retomou o ensinamento dos padres da Igreja, que sempre reconheceram na maternidade de Maria uma referência direta à maternidade da própria Igreja.

Ao destacar a dimensão feminina da Igreja, o Papa também sublinhou o papel essencial da mulher em sua vida e missão. Segundo ele, a Igreja não pode avançar sem essa presença feminina, pois carrega em si um traço que remonta à própria Maria, escolhida por Cristo como modelo e caminho de cuidado, acolhida e fecundidade espiritual.

A maternidade espiritual de Maria encontra fundamento nas páginas do Evangelho. “Aos pés da cruz, Maria recebe uma nova maternidade sobre o discípulo amado, símbolo de toda a comunidade”, recorda Caprani. A tradição cristã reconhece nesse gesto a entrega de Maria à Igreja nascente, inaugurando uma relação que ultrapassa o tempo histórico.



Imagem: Arquivo Pessoal

Teólogo Julio Caprani.



Imagem/Arquivo Pessoal

Jornalista e Catequista Alam Carrion.

Essa compreensão foi aprofundada pelo Concílio Vaticano II, especialmente na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, que apresenta Maria inserida no mistério de Cristo e da Igreja: “Ela não está à margem, mas no coração da comunidade, como mãe e modelo”, afirma o teólogo.

À luz do Concílio Vaticano II, isso enriquece a vivência da fé ao convidar a uma Igreja mais fiel ao Evangelho: discípula, servidora, comunitária e profundamente humana.

A GRANDEZA DA VIRGEM MARIA

Também em entrevista para a reportagem da *Revista Ave Maria*, o jornalista e catequista

Alam Carrion destaca que, mais do que um título, essa maternidade se manifesta de forma concreta na vida espiritual dos fiéis, essa verdade decorre da própria identidade de Maria.

“Se ela é mãe de Cristo, também é mãe daqueles que formam o seu corpo, que é a Igreja”, explica. Segundo ele, essa missão não se limita ao passado: “Não terminou em Belém nem no Calvário. Trata-se de uma presença que continua na vida dos redimidos”.

Essa dimensão materna transforma a experiência cristã. Reconhecer Maria como mãe significa compreender que a fé não é vivida de forma isolada: “Não caminhamos na orfandade, mas sob uma presença materna que

consola, intercede e conduz sempre a Cristo”, afirma Carrion, destacando o caráter profundamente relacional da vida cristã.

Na vida da Igreja, essa presença se expressa de maneira silenciosa, porém, constante. Maria forma discípulos, sustenta vocações e inspira a missão. “Essa maternidade se traduz no discipulado: Maria ajuda os fiéis a escutar a Palavra e a colocá-la em prática, formando comunidades mais maduras na fé”, observa o teólogo Julio Caprani. Essa perspectiva também ilumina a missão dos ministros ordenados, chamados a exercer um cuidado pastoral mais próximo, sensível e atento às realidades concretas.

No cotidiano, essa influência se torna visível em gestos simples. Carrion aponta que, entre os sacerdotes, Maria é modelo de fidelidade e entrega; entre os leigos, sua presença aparece nas famílias, na oração e nos processos de conversão. Trata-se de uma ação discreta, semelhante à descrita nos Evangelhos, mas profundamente eficaz na sustentação da vida espiritual e na construção da comunhão eclesial.

A expressão “cheia de graça” revela ainda mais essa identidade. Em sua obra *Gratia plena, a grandeza da Virgem*, publicada pela Editora Ave-Maria, o influenciador digital Alam Carrion explica que não se trata de um elogio passageiro, mas da revelação de uma realidade única: “Maria foi preparada por Deus para sua missão, cumulada de graça de forma singular. Quanto mais se contempla Maria, mais se contempla a obra de Deus”. Sua grandeza, portanto, não está em si mesma, mas na ação divina que nela se manifesta plenamente.

Essa verdade faz de Maria um sinal de esperança para os fiéis. Sua vida demonstra o que Deus pode realizar em uma existência aberta à sua vontade, tornando-se modelo de fé, confiança e entrega. Em tempos marcados por incertezas e fragilidades, sua maternidade

continua a oferecer sentido, cuidado e direção segura para a caminhada cristã.

Diante disso, a Igreja convida a uma devoção mariana autêntica, equilibrada e centrada em Cristo. O especialista em Mariologia Latino-americana, Julio Caprani recorda que Maria “nunca se coloca no lugar de Cristo, mas sempre conduz a Ele”, por isso, a verdadeira devoção não se reduz a práticas externas ou a expressões meramente sentimentais, mas se traduz em uma vida marcada pela escuta da Palavra, pela humildade e pelo serviço.

CELEBRAR MARIA COMO MÃE DA IGREJA

O catequista Alam Carrion reforça essa compreensão com uma imagem simbólica: “Se Maria é a Lua, Cristo é o Sol. Toda luz que nela vemos vem dele e conduz a Ele”. Assim, práticas como o Rosário, a vida sacramental e a meditação dos mistérios de Cristo tornam-se caminhos concretos para aprofundar a fé e fortalecer a relação com Deus no cotidiano.

Celebrar Maria como Mãe da Igreja é também redescobrir o rosto da própria comunidade cristã, chamada a ser mais acolhedora, próxima e misericordiosa. Inspirada pela Virgem, a Igreja é convidada a viver uma fé encarnada na realidade, capaz de acolher, proteger e servir, especialmente os mais vulneráveis e aqueles que mais necessitam de cuidado.

Mais do que uma recordação litúrgica, essa memória reafirma uma verdade essencial: os cristãos não caminham sozinhos. Maria continua a acompanhar seus filhos, sustentando a fé e conduzindo-os ao encontro com Cristo. Sua presença materna, discreta e constante, permanece como sinal de esperança no coração da Igreja e na vida de cada fiel.

Assim, ao olhar para Maria, a Igreja reconhece não apenas um modelo, mas uma mãe que forma, protege e guia e, como ensina a tradição viva, quem se deixa conduzir por ela encontra sempre, com segurança, o próprio Cristo. ●